

# Pedagogia do esporte e motivação: discussão à luz da opinião de ginastas

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201700020433>

Michele Viviene CARBINATTO\*  
Aline Dessupoio CHAVES\*\*  
Thaíz Altiva Ribeiro MOREIRA\*\*  
Myrian NUNOMURA\*\*\*

\*Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

\*\*Departamento de Ciências do Esporte, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil.

\*\*\*Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

## Resumo

Um aspecto questionado na Pedagogia do Esporte diz respeito às ações dos técnicos e professores. Estas devem ser direcionadas aos interesses e necessidades de cada praticante. Neste estudo, elucidamos os motivos que atraíram 120 crianças e jovens, com idade entre 4 e 18 anos, à prática de ginástica artística (GA). Após entrevista e análise de conteúdo, os resultados demonstraram: Fatores Intrínsecos: o prazer e gosto pela prática; a aprendizagem e superação e, Fatores Extrínsecos: a GA por si mesma; benefícios físicos; influências sociais; aspectos lúdicos e saúde. A mídia surgiu nas respostas de crianças acima de 8 anos; os aspectos lúdicos em todas idades e gêneros; tornar-se profissional acima dos 10 anos e o gosto pela GA se relacionou com os elementos específicos da modalidade. Os profissionais, atentos e críticos a esses fatores, podem direcionar e promover a prática em prol do estabelecimento de cultura esportiva a longo prazo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ginástica artística; Pedagogia do esporte; Formação de técnicos; Educação física; Esporte.

## Introdução

É inegável que o esporte tornou-se um fenômeno cultural e, como tal, influencia e recebe influência das mais diversificadas áreas de conhecimentos e contextos sociais. Ao longo de sua consolidação, modalidades foram formatadas e passaram a ser praticadas no mundo todo<sup>1-2</sup>.

A prática esportiva elevou-se a proporções inimagináveis e, atualmente, a profissionalização da área e a formação de atletas passou a ser questionada. Neste contexto, destacamos a Pedagogia do Esporte (PE) que, influenciada pela Pedagogia Geral e Ciências do Desporto, questina “o que, como e o porque” dos gestos esportivos e defende as relações do esporte e técnica, tática, ensino-aprendizagem, fisiologia, psicologia, dentre outros<sup>3-6</sup>.

Um dos aspectos apontados pela PE diz respeito ao fato de que as ações dos técnicos e professores devem ser direcionadas sobre os interesses e necessidades de cada atleta. Este cuidado deve fundamentar o trabalho para a formação do atleta a longo prazo, nos quais as características individuais e expectativas dos praticantes sejam respeitadas<sup>3</sup>.

Voltemos nosso olhar para uma modalidade específica, a Ginástica Artística (GA). Um dos esportes mais antigos, em nosso país a GA passou a ser praticada mais sistematicamente e popularizada após a década de 70 do século XX, como consequência da criação de campeonatos em diferentes níveis, a organização de equipes estaduais, a organização da Confederação Brasileira de Ginástica e, mais recentemente, as conquistas internacionais de ginastas como Daiane dos Santos, os irmãos Daniele e Diego Hipólito, Jade Barbosa e Arthur Zanetti. No entanto, estudos indicam que não houve renovação das equipes principais e ampliação qualitativa significativa no número de praticantes no Brasil no alto rendimento<sup>7</sup>. Ainda é constante o abandono e desistência nesta modalidade por volta dos 15 aos 20 anos, ou seja, antes do ginasta alcançar o seu ápice<sup>8-14</sup>.

Se desejamos equipes sólidas para as disputas de alto rendimento em um esporte, é preciso expandir a base da pirâmide, ou seja, o número e qualidade dos praticantes nas escolas de iniciação e nível intermediário de GA. Ao compreender que a escolha e a

permanência de crianças e jovens em determinado esporte são rodeadas de fatores, propomos elencar e discutir aspectos motivacionais que levaram à opção da modalidade em questão e, quem sabe, dar subsídios para estratégias de ações futuras na modalidade que elevem o nível de envolvimento qualitativo e quantitativo dos ginastas.

A motivação passa a ser importante, tanto para despertar o desejo inicial pela atividade, como para a manutenção prolongada e, neste caso, o profissional, mediador entre a atividade proposta e o aluno, tem grande responsabilidade<sup>15</sup>.

## Motivação

A motivação é um dos elementos mais importantes para a execução de qualquer atividade, independente da situação, ambiente ou conteúdo, pois impulsiona e encoraja atitudes e aspirações de um indivíduo<sup>16</sup>. Aquela é um elemento que, além de levar a uma ação, também proporciona a inércia, ou seja, se já o indivíduo já estiver inserido em uma atividade, tenderá a continuidade<sup>17</sup>.

A motivação é um tema frequente nas pesquisas da Psicologia Experimental e uma gama de interpretações é feita sobre seu termo, sobretudo em sua relação ao conceito “motivo”. Em geral, a literatura é dividida por duas linhas: uma que considera motivação e motivo como sinônimos<sup>16-19</sup> e outra que separa os dois termos<sup>20-23</sup>. No presente estudo utilizaremos a primeira vertente.

De acordo com os autores BORUCHOVITCH; BZUNECK<sup>24</sup> (p. 9),

Uma primeira ideia sugestiva sobre motivação, normalmente aplicável a qualquer tipo de atividade humana, é fornecida pela própria origem etimológica da palavra, que vem do verbo latino *movere*, cujo tempo supino *motum* e o substantivo *motivum*, do latim tardio, deram origem ao nosso termo semanticamente aproximado, que é *motivo*.

Então, a motivação está associada à palavra *motivo*, definido como alguma força interior, impulso, intenção, que leva a pessoa a fazer algo ou agir de certa forma e que afeta o início, a manutenção e a intensidade do comportamento<sup>25</sup>.

Como complemento, o termo motivação pode relacionar-se à palavra *motivo* como alguma forma interior, impulso ou uma intenção, que leva a pessoa a fazer algo ou agir de certa forma, definindo o direcionamento de suas ações e intensidade de seus esforços para atingir uma determinada meta<sup>18, 26-28</sup>.

Por fim, ressaltamos que, para WEINBERG; GOULD<sup>16</sup> a motivação é utilizada de forma ampla e em diversificadas situações cotidianas, nas quais os autores ilustram três circunstâncias: 1. Como uma característica de personalidade interna (ex: Ela é uma pessoa altamente motivada – uma verdadeira “pegadora”); 2. Como uma influência externa (ex: Preciso de algo para me motivar, para me fazer continuar no programa de corrida); 3. Como uma consequência ou explicação para nosso comportamento (ex: Eu simplesmente queria muito aquilo e estava muito motivado).

Desta forma, a motivação também pode ser entendida em relação a sua origem, que pode ser de ordem intrínseca - de dentro da pessoa e associada aos fatores pessoais relacionados às emoções, sem nenhuma relação com elementos externos- ; ou extrínseca, -de fora da pessoa, quando relacionada aos fatores ambientais, influências de outras pessoas, elogios, reconhecimentos e recompensas externas, que levariam indivíduos à prática de atividade esportiva<sup>16,28-31</sup>.

As razões internas são aquelas que constroem a motivação intrínseca, e relacionam-se à recompensa da resolução de desafios próprios, na superação de seus próprios limites ou no descobrimento de algo que se considere útil. Essa forma de motivação proporciona o desenvolvimento da autonomia e da personalidade e independe de fatores externos<sup>17</sup>.

As razões externas são a composição da motivação extrínseca que tem como base fatores do ambiente, influências sociais, elogios e recompensas externas (p.ex., prêmios e reconhecimento). Ela nos leva a realizar uma atividade com o objetivo de ser recompensado ou evitar uma punição.

O tipo de motivação apresentada pelo praticante influencia na seleção da atividade, no esforço, na persistência e no afeto associado a ela<sup>32</sup>. Se a motivação é relevante para desempenharmos qualquer atividade, a prática esportiva não escapa de sua influência.

Neste contexto, vários estudos<sup>33-35</sup> têm mostrado que a motivação intrínseca está associada positivamente e com consequências favoráveis em contextos escolares, trabalho e lazer. No domínio do esporte, a motivação intrínseca tem sido associada com a intenção dos atletas para a prática esportiva no futuro<sup>35</sup>.

Do ponto de vista pedagógico, motivar é estimular o aluno a aprender. Ao profissional, fica a responsabilidade no direcionamento de metas e a responsabilidade de incitar sempre novos motivos para aumentar o nível de persistência e os esforços dos praticantes e, então, alcançar maior rendimento dos mesmos<sup>36</sup>.

## Motivação para a prática esportiva

As atividades esportivas estão se expandindo em todos os âmbitos e, como consequência, cresce também o número de crianças e adolescentes envolvidos nas modalidades<sup>16</sup>. Contudo, esse fato desperta algumas preocupações.

A inserção no esporte por criança e/ou adolescente envolve o desenvolvimento de suas funções, qualidades e estados psíquicos, determinantes na permanência nos treinamentos (processo de preparação) e competições<sup>37</sup>, sobretudo se voltado ao esporte-espetáculo<sup>38</sup>. Estudiosos da Psicologia do Esporte<sup>39-40</sup> veem a motivação como um fator essencial para o sucesso na carreira esportiva, desde o ingresso até o abandono da modalidade.

Em concordância com o modelo de WEINBERG; GOULD<sup>16, 40</sup>, a motivação para a prática esportiva é dependente da interação entre o sujeito (necessidades, motivos, expectativas e interesses), fatores ambientais e do meio em que um indivíduo está inserido (facilidades, tarefas atraentes, desafios e influências sociais). Os graus de importância dados aos fatores, intrínsecos ou extrínsecos, são transformados constantemente, dados às mudanças ocorridas na vida do praticante ou mesmo do esporte escolhido, mutabilidade esta inerente à vida humana<sup>41-43</sup>.

Independente do ambiente, conteúdo ou situação, a motivação é o elemento central na canalização das informações percebidas para nortear o comportamento no processo de ensino-aprendizagem.

Como exemplo, CÁRDENAS<sup>44</sup> revela os aspectos mais relevantes apontados por atletas da modalidade de atletismo do projeto USC Olimpíada 2004 para a prática de esportes, quais sejam: representar o país em eventos de diferentes âmbitos (estaduais, nacionais e internacionais); melhorar o rendimento em competições internacionais; sentir o prazer da prática (treinamento) e da competição em si; melhorar o condicionamento físico; e perceber o reconhecimento (da família e de colegas).

A discussão sobre esses fatores pode ser útil quando utilizada para direcionar as aulas. Na medida em que os professores se preocuparem em atender

às expectativas dos alunos/atletas o treinamento se tornará mais agradável e motivador, tanto para a permanência daqueles inseridos, como para a atração e adesão de novos praticantes.

Não obstante, devido a incessante busca pela perfeição técnica dos movimentos, a prática de GA é altamente repetitiva, sobretudo em relação aos elementos específicos. Por essa razão, o praticante precisa de um nível de motivação que facilite a superação de dificuldades que o treinamento exaustivo comumente apresenta.

Esse fato torna-se ainda mais relevante quando o praticante de GA se encontra na fase da infância e adolescência, uma vez que nessa faixa etária o indivíduo ainda atravessa diversas transformações e cada situação pode ser decisiva em sua formação psicológica, motora e social<sup>45</sup>.

No Brasil, alguns trabalhos voltaram-se para a discussão entre a motivação e a GA. LOPES; NUNOMURA<sup>45</sup> observaram a motivação para a escolha e a permanência na modalidade de GA, em 20 ginastas de alto rendimento, entre 11 e 14 anos de idade da cidade de São Paulo. Na ocasião, os dados revelaram que, embora os dois tipos de fatores estivessem presentes, os intrínsecos foram predominantes, destacando-se o prazer pela prática (55%) e a sua importância para necessidades fisiológicas e psicológicas, e aspectos voltados à saúde (20%).

CARBINATTO *et. al.*<sup>46</sup> investigaram os motivos que atraíram 54 alunos de uma instituição de ensino particular, entre sete e dez anos de idade à prática da GA. Os resultados evidenciaram, primordialmente, os fatores extrínsecos, sobretudo relacionados ao ambiente físico, seguidos pelo prazer que a aula lhes proporcionavam, os aspectos lúdicos e o interesse em aprender movimentos diferentes do cotidiano.

Os dados de de NUNOMURA; CHAVES; CARBINATTO<sup>47</sup> foram diferentes. As autoras realizaram um estudo com 156 ginastas de 29 instituições esportivas do estado de São Paulo e cidades do Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, considerados referência na modalidade e, tanto no feminino, quanto no masculino, a motivação extrínseca foi mais frequente, sobressaindo o apoio da família e parentes em ambos os casos.

## Método

Neste estudo, elucidamos os motivos que atraíram crianças e jovens a prática de ginástica artística (GA) em uma cidade do interior do Brasil

que, em seis anos de início dos treinamentos da modalidade se destacou em campeonatos estaduais e nacionais.

Caracteriza-se como uma pesquisa de campo do tipo transversal, com caráter qualitativo. A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética da Universidade vinculada à última autora do trabalho, sobre o número 284.2121.

Foram entrevistadas 120 crianças e jovens, entre 4 e 18 anos de idade, sendo 82 do sexo feminino e 38 do sexo masculino, com no mínimo 1 ano de

prática da GA. Excluiu-se os praticantes que não tiveram sua participação autorizada pelos pais e/ou responsáveis ou aqueles que não se prontificaram a colaborar na pesquisa.

Das 5 instituições que oferecem a GA na cidade de Uberaba/MG, 3 instituições públicas e 1 instituição privada permitiram que a pesquisa fosse realizada.

TABELA 1 - Locais e número de praticantes envolvidos na pesquisa.

Local	Femininos	Masculinos	Total
Instituição 1	29	12	41
Instituição 2	5	7	12
Instituição 3	35	19	54
Instituição 4	13	-	13
Total	82	38	120

Fonte: Das autoras.

Para a coleta dos dados, optamos pela questão geradora “Porque você decidiu praticar a GA?”. As entrevistas foram realizadas e gravadas nos locais de prática e nos momentos de aula.

Para a análise de dados utilizamos a técnica de elaboração e análise de Unidades de Significado, elaborada por MOREIRA, SIMÕES E PORTO<sup>48</sup>. O objetivo dessa técnica é interpretar os significados de discursos dos sujeitos em relação a um determinado fenômeno.

Esse instrumento foi criado a partir da combinação de algumas abordagens de Análise de Conteúdo, especialmente uma adaptação da Análise de Avaliação Assertiva de BARDIN<sup>49</sup> e da Análise do Fenômeno Situado<sup>50-51</sup>.

A técnica consiste em três momentos: o relato ingênuo; a identificação de atitudes e a interpretação, explicitadas a seguir:

1. Relato Ingênuo: a preocupação central é no discurso do sujeito que é obtido através de uma ou mais questões geradoras a respeito do fenômeno a ser estudado. Os dizeres do sujeito são transcritos em sua forma original, sem alteração na grafia ou substituição de termos por outros equivalentes.

2. Identificação de atitudes: após transcrição do relato dos sujeitos o pesquisador atenta-se para não perder de vista o sentido geral do discurso e selecionar as unidades mais significativa. Buscam-se indicadores e categorias que servirão de referencial para interpretação. É fundamental identificar os componentes dos enunciados, ou seja, os objetos de atitudes (pessoas, grupos, ideias, acontecimentos), os termos avaliativos com significado comum (que qualificam os objetos de atitude) e os conectores verbais que ligam no enunciado aos objetos de atitude e aos termos de qualificação.
3. Interpretação: com o quadro geral das ideias caracterizado pela identificação das unidades de significados, o pesquisador passa para a análise interpretativa do fenômeno, por meio das convergências e divergências encontradas. Sem intenção de generalizações, buscam-se encontrar os *insights* gerais, estruturas do pensamento individual dos sujeitos que pode, como um todo, pertencer a vários outros indivíduos.

## Resultados

Para que pudéssemos discutir melhor os resultados, separamos os fatores motivacionais em

intrínsecos e extrínsecos. Optamos por não fazer a separação por idade e sexo dos praticantes, pois

observamos que as unidades de significado eram similares. Durante a discussão, apresentaremos as poucas exceções constatadas entre os gêneros. Os atletas foram identificados por número pela ordem crescente da entrevista e local (NC; AB;

BV; e SD); a letra “F” de feminino ou “M” de masculino e a idade.

A TABELA 2 apresenta as Unidades de Significados e a frequência de respostas a respeito da motivação intrínseca em relação à prática da GA:

TABELA 2 - Motivação Intrínseca para a prática da GA.

Unidades de Significado	Total
Influências Pessoais (prazer/gostar)	52
Influências da Aprendizagem/ Superação	14
Necessidade/ Vício	02
Formação do Caráter	01
Ser Profissional	01

Fonte: Das autoras.

A TABELA 3 demonstra as nove Unidades de Significados e a frequência de respostas a respeito da motivação extrínseca na prática da GA.

TABELA 3 - Motivação Extrínseca para a prática da GA.

Unidades de Significado	Total
Influências dos Aspectos da Ginástica Artística	- elementos e exercícios característicos (n=16) - estética do esporte (n=9) - esporte interessante (n=6)
Influências dos Aspectos Físicos	- capacidades e habilidades (n=23) - estética física (n=3)
Influências Sociais	20
Influências dos Aspectos Lúdicos	14
Influências dos Aspectos da Saúde	10
Influência do Alto Rendimento	07
Influência da Mídia	06
Influências dos Aspectos do Lazer/ Passatempo	03
Influência de Outros Esportes	02

Fonte: Das autoras

## Discussão

### Motivação Intrínseca

Os resultados revelam a predominância de motivos intrínsecos nos praticantes de GA analisados, corroborando outras pesquisas na área<sup>45, 47</sup>. Segundo BUTT<sup>52</sup> e CRAITY<sup>17</sup> este dado é mais desejado, pois é responsável pelo desenvolvimento da autonomia e personalidade<sup>45,47</sup>.

A TABELA 1 evidencia a predominância de **Influências Pessoais**, com destaque ao prazer pela

prática e o “gostar” (n=52). As expressões “gosto”, “gosto muito” e “legal”, tiveram presença em quase todos os relatos e foram determinantes para essa categorização.

As respostas foram muito semelhantes e alguns recortes foram idênticos. A fala da praticante 8NC/F/9, “porque é muito bom e é a melhor aula”, revela o quão forte é essa satisfação. Outro fator presente é o gosto pela prática, ilustrada por

1ABM/14: “porque desde pequeno sempre amei, sempre gostei”, sendo essa característica mais presente nas respostas entre os meninos. Resultados semelhantes foram encontrados por WILLIS; CAMPBELL<sup>53</sup> após realizarem uma metanálise sobre os motivos que atraíam os indivíduos para a prática de atividade física.

A motivação intrínseca elucidou outras características de seus praticantes, como a busca pela superação por meio do cumprimento das tarefas e desafios propostos pela modalidade e aprendizagem de novas habilidades.

A satisfação ao praticar o que gosta amplia as sensações de competência e autonomia na realização da atividade, o que implica em maior dedicação e permanência no esporte<sup>54-55</sup>.

A segunda categoria mais frequente foi as **Influências da Aprendizagem/Superação** (n=14). O fato que evidencia esse aspecto são respostas como as de 16NC/F/11: “nós aprendemos muita coisa”; 2SD/F/7: “porque eu quero fazer coisas novas” e 35BV/M/13: “porque é uma forma de eu superar meus limites”.

KORSAKAS<sup>56</sup> investigou os motivos do envolvimento de jovens no esporte e revelou que, além da diversão na modalidade, também foram apontados a busca por novas amizades, a aprendizagem de coisas novas, a experiência do sucesso e a melhora do condicionamento físico.

Estes dados estão em consonância com BUONAMANO; MUSSINO<sup>57</sup> que salientaram alguns fatores para a motivação de crianças na prática inicial de esporte, dentre os quais aprender e desenvolver habilidades motoras.

LOPES<sup>58</sup> investigou os motivos para a escolha pela prática de GA e dentre os motivos intrínsecos foram apresentados o gosto pela visualização da modalidade, a habilidade prévia para GA e a característica dos movimentos.

A partir desse resultado percebemos a importância do profissional estar atento para as atividades propostas durante os treinos, pois essas devem ser apresentadas como uma fontes de motivação e não de desistência. Para isso, é necessário compreender as fases e o desenvolvimento de cada um dos alunos. E, assim como proposto por WINTERSTEIN<sup>59</sup> oferecer diferentes formas e níveis em uma mesma tarefa, possibilitando a eles experiências de sucesso e fracasso através de sua própria escolha.

Segundo WEINBERG; GOULD<sup>16</sup>, a criança deve se sentir competente e importante, portanto, a sensação de superação no desempenho de tarefas e

habilidades é um fator de manutenção importante dentro do esporte.

Conseguir realizar algo novo também tem relação com a necessidade do ser humano de se sentir competente. Ultrapassar uma barreira e alcançar um desafio também reforça a nossa confiança para buscar sempre algo novo em nossa vida.

A unidade **Necessidade/Vício** (n=2) com destaque da fala 13BV/F/13: “eu vivo disso, sem isso não consigo mais viver, sinto muita falta” está ligada a necessidade de auto-realização proposta por MASLOW<sup>60</sup>.

O autor organiza uma hierarquia para dividir as necessidades em cinco grupos 1. Necessidades Fisiológicas ou básicas; 2. Necessidade de Segurança; 3. Necessidades Sociais; 4. Necessidades de Estima e 5. Necessidade de auto-realização. Antes dessas cinco categorias, existem dois grupos maiores constituídos pelas necessidades primárias ou básicas que são inerentes à condição humana, e primordiais para a sobrevivência. E, as necessidades secundárias ou adquiridas, aquelas que possuímos pelas características sociais, de convívio ou pela própria personalidade.

Neste aspecto, observamos a auto-realização a qual se encaixa na prática esportiva por ser a necessidade de utilizar o potencial de aptidões e habilidades. Contudo, a expressão “sem isso não consigo mais viver” demonstra características de necessidades primárias, o que revela a importância e o âmbito que atingiu o prazer pela prática de GA para este sujeito.

Um dos entrevistados destacou a **Formação do caráter** como motivo para a prática da GA. O estudo de KNOWLES<sup>61</sup>, apesar de direcionar os argumentos na aprendizagem escolar, revela o papel do profissional sobre tomada de decisões do aluno e que a forma como é transmitido o conhecimento, bem como a interação entre ambos incide na formação da personalidade e do caráter do discente.

Muito se fala sobre a prática esportiva e a formação do caráter. Tanto é considerada essa relação, que diversos projetos e programas são criados e incentivados por políticas públicas com esse argumento, no qual há o intuito de reduzir a criminalidade e incentivar a educação, a exemplo o PROETI (Programa Segundo Tempo)<sup>62</sup> e o Fica Vivo (Seguridade Social)<sup>63</sup>. Dessa forma, o profissional deve estar ciente de seu papel formador e, por meio da aprendizagem esportiva, buscar atrair o jovem e transmitir valores para a formação do cidadão.

O profissional deve aproveitar o poder atrativo do esporte e transmitir o que for necessário para

sua formação crítica. A interação professor – aluno remete muito mais que conteúdos, ela pode deixar marcas permanentes, de cunho positivo ou negativo.

A forma como o profissional é recebido pelos alunos influencia diretamente na aceitação ou rejeição de uma disciplina ou modalidade esportiva. Como exemplo: um aluno que pratica diversas modalidades em escolinhas de esporte tem um professor de futebol que não o agrada ou que gera antipatia, conseqüentemente, esse aluno poderá dizer que não gosta de futebol. As dificuldades que temos em determinadas situações fazem, muitas vezes, com que associemos essas com coisas negativas; e a evitamos em próximas oportunidades<sup>64-65</sup>.

A prática esportiva para o alto rendimento foi representada pela unidade **Ser profissional** (n=1). No discurso de 7BV/F/14, “porque eu quero virar uma ginasta profissional e se isso não for possível eu quero dar aulas”, percebemos que a praticante treina em busca do alto nível e, como segunda opção, não descartou a carreira profissional, como professor e/ou técnico, pois pretende ministrar aulas da modalidade.

A profissionalização em um esporte ainda é precário nas organizações brasileiras. Muitas vezes encontramos ginastas que, ao chegar à fase adulta, tem que conciliar a carreira esportiva com a faculdade e o emprego<sup>66-67</sup>. Tornar-se profissional indica o desejo de se dedicar, exclusivamente, a modalidade e, com isso, adquirir maiores chances de conquistas e desenvolvimento.

Não é raro também observarmos ex-atletas atuando como técnicos, preparadores físicos ou comentaristas do esporte em que esteve envolvidos<sup>68-71</sup>. Podemos citar, como exemplo, os últimos técnicos da seleção brasileira de futebol e o ex-piloto da fórmula 1, Rubens Barrichelo, comentarista desse esporte em um canal aberto de TV.

## Motivação Extrínseca

Na unidade **Influências dos Aspectos da Ginástica Artística**, encontramos 31 depoimentos, que dizem respeito aos elementos específicos da GA e/ou seus aparelhos e corrobora com outros estudos da área<sup>13-14, 46</sup>, exemplificados pelo depoimento de 20BV/M/14: “porque na ginástica podemos dar altas cambalhotas”.

Os elementos característicos da modalidade (n=16) demonstram que os praticantes sentem-se motivados ao executarem movimentos que identificam e que são da GA. Em complementação a

essa afirmação, ROBERTS E MCKELVAIN<sup>72</sup> e JEMMI *et al*<sup>73</sup> notaram que a evolução na ginástica é um dos fatores motivacionais entre seus praticantes, afinal, permitem explorar cada vez mais a complexidade dos elementos. As modificações nos aparelhos, como a mesa de salto, instigou a busca por novos elementos, por exemplo. É inerente à GA atividades de coragem e sensações não-habituais do corpo no tempo e espaço, e esta pode induzir a permanência no esporte<sup>73</sup>.

Por ser um esporte que envolve desafios como saltos mortais e outros movimentos ousados, a GA é uma modalidade que pode desenvolver integralmente as capacidades e habilidades de seus praticantes e exige flexibilidade, potência e equilíbrio, interligados para a execução dos elementos.

Essas características da modalidade (capacidades e habilidades) chamam a atenção e são as mais recorrentes na unidade **Influências dos aspectos físicos** (n=23). São conhecidos os benefícios que a prática esportiva proporciona a saúde e, dentre as razões pelas quais o exercício físico associado ao esporte atraem adeptos, está a conseqüente forma física ou imagem corporal.

Devido às qualidades exigidas pelos seus atletas, a rotina de treinamento da GA envolve muitas repetições e sessões diárias longas. Essas características acarretam alterações e adaptações físicas, como a definição muscular, o emagrecimento ou diminuição do percentual de gordura corporal.

Este fato é representado pelo discurso 56NC/56/F/8, “pra ficar bonita”, da subcategoria Estética Física (n=3), no qual notamos que o treino da GA é um meio para a atleta atingir uma imagem corporal desejada.

Cabe ao profissional observar se a procura por uma estética corporal não esteja enraizada no poder midiático sobre a imagem corporal de ginastas<sup>13</sup>. É comum depoimentos de casos de bulimia e anorexia no esporte<sup>74-76</sup>, bem como na ginástica<sup>77-78</sup>. Talvez, um praticante com esse fator de motivação, deva exigir maior atenção do técnico para prevenção de possíveis problemas psicossomáticos.

A **Influência de Aspectos Sociais** como fator de motivação foi representada por 20 respostas, com predomínio da família e dos colegas. Não obstante, a prática esportiva e o apoio social dos grupos citados são os mais frequentemente estudados em adolescentes, parte da faixa etária abordada em nossa pesquisa<sup>79-81</sup>.

De acordo com Weinberg; Gould<sup>16</sup>, a família tem grande responsabilidade no direcionamento de

crianças à atividade esportiva e pode desempenhar um papel altamente positivo ou negativo em suas experiências. Essa expectativa dependerá de como os pais influenciam nos objetivos esportivos de seus filhos<sup>13,82-86</sup>.

Adolescentes que percebem apoio da família e amigos se sentem, inclusive, mais capacitados a superarem as barreiras que possam encontrar na prática da GA, ampliando consideravelmente as chances de se manterem na modalidade por maior período de tempo<sup>87-89</sup>.

É dever dos profissionais identificar os familiares e amigos e orientá-los para que expressem atitudes positivas e que beneficiem os praticantes. À medida que o sujeito se insere mais profundamente no esporte, sua dedicação e compromissos também se ampliam e, portanto, a atitude daqueles deve estar em consonância com essa mudança<sup>86, 90</sup>.

No voleibol, ZANETTI; LAVOURA; MACHADO<sup>91</sup> investigaram os motivos que atraíram 30 atletas, de faixa etária entre 12 e 19 anos à modalidade e os resultados indicaram que 13,3% dos motivos apresentados evidenciaram a influência familiar. Esse resultado corrobora o trabalho de LOPES; NUNOMURA<sup>45</sup> em relação aos motivos que levaram a escolha da GA, em que 30% da amostra justificaram o início da modalidade pelo incentivo dos pais.

Nossos resultados indicaram que das 20 respostas relativas ao aspecto social, apenas quatro respostas, sendo n=3 para o quadro feminino e n=1 para o masculino voltaram-se aos familiares considerados do núcleo primordial, ou seja, pais, mães e irmãos<sup>92</sup>.

A influência positiva dessa categoria pode ser percebida nas respostas de 40BV/F/13, “eu não gostava, mas minha mãe me colocou aí eu comecei a gostar” e 28BV/M/6, “porque eu vi minha irmã fazer e eu adorei”.

A praticante 40BV/F/11 iniciou a modalidade, embora não manifestasse interesse inicial para as aulas, pela mãe. Fato também notado no quadro masculino, em que um aluno retrata a influência da mãe 5AB/M/11, “porque minha mãe me incentivou a fazer”.

Sobre as **Influências de Aspectos Lúdicos** (n=14) concordamos com PAULA<sup>93</sup> e FERRAZ<sup>94</sup> que relacionam o esporte e a ludicidade. As atividades propostas nas aulas e/ou treinamento devem ser permeadas pela brincadeira, expressão máxima da ludicidade. Ao profissional, cabe a tarefa de mediar a brincadeira para que as consequências sejam benéficas para o esporte, quer seja no incentivo à preparação física, aprendizagem de um novo elemento ou aspectos sociais e psicológicos.

KISHIMOTO<sup>95</sup> completa que a atividade lúdica proporciona oportunidades para o público infantil e a levam a experimentar situações que jamais ousariam. Uníssono às brincadeiras, a ludicidade é uma necessidade humana. E, portanto, todos brincam, crianças, jovens e até os adultos, o que corrobora o depoimento da atleta 58NC/F/6 que salienta que pratica GA para “brincar com os colegas”. Outrossim, essa categoria percorreu todas as idades na pesquisa.

SANTIN<sup>96</sup> e DECI, RYAN<sup>54</sup> reforçam a importância da natureza lúdica da prática esportiva e citam que a criança deve sentir prazer naquilo que faz, e não simplesmente fazer por fazer ou porque é uma obrigação.

O profissional deve estar atendo às práticas pedagógicas para utilizar o componente lúdico de forma consciente a fim de ser um instrumento intencional e modificador. As atividades devem superar a rigidez e passividade e visar o prazer e o desafio<sup>94-95</sup>.

A **Influência de Aspectos da Saúde** esteve presente em 10 depoimentos. Essa preocupação dos entrevistados incita a nossa percepção da consciência dos mesmos sobre a prática de exercícios físicos e seus benefícios. É possível afirmar que os discursos da saúde pública e da mídia em geral inter-relacionam, quase que automaticamente, a prática esportiva com essa unidade<sup>97-98</sup>.

PERGHER, KLERING; BALBINOTTI<sup>55</sup> defendem que a dimensão da saúde é usualmente motivada no período da adolescência devido às nítidas mudanças biológicas que acontecem no período da maturação.

Os relatos de 27NC/F/9, “faz muito bem para a nossa saúde”, A6/M/BV, “é saudável”, 19BV/F/11, “pra ser uma pessoa mais forte e saudável” e 37BV/F/13 “porque também ajuda na fase de crescimento” evidenciam essa ligação. Nosso último exemplo apresenta, inclusive, a superação de preconceitos da GA e sua relação com a estatura, pois é comum opiniões de que a modalidade inibe o crescimento<sup>99-100</sup>.

Esse tipo de motivação extrínseca esteve presente também no estudo realizado por INTERDONATO *et al.*<sup>101</sup> que teve como amostra 87 atletas (72 meninos e 15 meninas) com média de 12 anos de idade e de três a quatro anos de prática, adeptos de diversas modalidades esportivas, incluindo a GA. Os autores obtiveram como maior resultado dos jovens investigados (67,7%) os motivos relacionados a saúde.

A pesquisa de STONE *et al.*<sup>102</sup> constatou que em pesquisas que visavam encorajar cidadãos americanos à prática regular de atividade física, foram

utilizadas recompensas externas, tais como financeiras, camisetas e certificados de participação. Os resultados identificaram aumento de 50% na adesão de inscritos em programas que ofereciam esse tipo de remuneração, quando comparados àqueles que ofereciam evidências científicas para a conscientização dos benefícios e importância de uma vida fisicamente ativa.

A **Influência do Alto Rendimento** (n=07) esteve presente entre discursos como 31BV/F/9, “porque eu via as Olimpíadas na televisão e me interessei”. Sobre esse aspecto LOPES; NUNOMURA<sup>45</sup> citam que a GA pode ter ganho visibilidade no Brasil devido às conquistas internacionais dos nossos atletas como Daiane dos Santos, Daniele e Diego Hypólito e Arthur Zanetti.

A **Influência da Mídia** é um fator muito frequente, principalmente com o avanço das tecnologias dos meios de comunicação. A exibição de Copas, Mundiais e principalmente dos Jogos Olímpicos trazem maior conhecimento da Ginástica Artística e de seus atletas, que tanto geram admiração pela perfeição de seus movimentos.

Essa categoria nos surpreendeu ao passo que esteve presente apenas nas respostas femininas com n=06 e a partir dos oito anos de idade, como a de 24BV/F/10, “porque eu via na televisão com o meu pai”. Aliás, o discurso revela também a presença não apenas da mídia, mas do papel do pai ao estimular esse hábito de acompanhar os esportes na televisão. A relevância de competições grandiosas esteve na resposta de 29BV/F/11, “porque eu via na televisão as olimpíadas” assim como a importante figura de seus representantes na 12AB/F/19, “porque eu via as atletas treinando”.

Não são raros os estudos sobre o impacto da mídia na escolha das pessoas. A alta exposição de determinadas modalidades na rede televisiva e a criação do imaginário social dos atletas como “heróis” influenciam na motivação e escolha do esporte. A mídia também pode incidir na motivação pelo fato de criar um espetáculo em relação a um jogo e/ou do campeonato<sup>55,103-104</sup>.

É crescente a procura de exercícios físicos para o lazer ou passatempo e estas são referências positivas, pois podem trazer melhores índices de saúde. Sobre esse aspecto destacamos a categoria **Influências dos Aspectos do Lazer/ passatempo** (n=3). Representada por 13BV/F/13: “pra passar o meu tempo”, essa forma de lazer é discutida por MARCELLINO<sup>104</sup>. Para o autor o lazer deve ser entendido fora de suas formas isoladas, ligadas a atitude ou ao tempo,

simplesmente. Ele proporciona diversos valores como o distrair-se e entreter-se, e está relacionado às atividades livres de obrigação em que há o prazer ou o divertimento<sup>105</sup>.

Quando analisamos o depoimento da atleta 13BV/F/13, percebemos que ela não considera a prática da GA como uma obrigação, pois demonstra que treinar é uma forma de prazer, ou seja, se diverte. E, o fato, colabora na manutenção da tranquilidade para praticar a modalidade.

A **Influência de outros esportes** (n=2) no discurso de 10AB/M/16: “eu espero que me ajude nas lutas, principalmente na flexibilidade” revela que a prática da GA pode ser vista como complemento das modalidades de lutas. Dentre suas características, o praticante ressaltou a flexibilidade, que é bastante trabalhada e valorizada na ginástica.

A prática esportiva de mais de uma modalidade pode ser benéfica, pois o aluno não fica restrito a habilidades específicas de um esporte. Assim, é possível que o desenvolvimento motor seja melhor estimulado e atingido e, conseqüentemente, favoreça e aprimore o desempenho de um ou ambos esportes.

O cuidado que devemos ter ao observar a prática de mais modalidades é o desgaste excessivo e *over-training*. As práticas devem proporcionar melhoras e não a queda do desempenho devido à fadiga ou pressão elevada.

## Considerações Finais

Ao fazer uma análise geral das respostas percebemos que não houve diferença expressiva sobre os motivos de procura pela GA nas variadas faixas etárias. Observamos que as unidades detectadas nas idades menores, também estavam presentes nas idades maiores que mostrou-se, apenas, mais diversificada. Este fato pode ser justificado pelas transições ocorridas naturalmente na vida do ser humano, como a maturação biológica e maior autonomia adquirida com a maturidade psicológica, por exemplo<sup>12, 106</sup>.

Sobre as Unidades de Significado, destacamos algumas características interessantes:

1. A Mídia surge nas respostas a partir dos oito anos de idade e demonstra o quanto a televisão e os meios de comunicação são importantes para a promoção da GA, desde o público infantil.
2. Os Aspectos Lúdicos estão presentes em todas as idades e revelam que esta característica

é importante e procurada tanto pelo público infantil como os adolescentes.

3. “Ser ginasta profissional” foi um fator motivacional que surgiu entre os sujeitos acima de dez anos de idade, o que revela a proximidade da fase de especialização motora, descrita por GALLAHUE<sup>107</sup>.
4. O gosto pela GA mostrou-se intrinsecamente relacionada com os elementos específicos da modalidade. As respostas diretas, como “porque eu gosto”, era acrescida de algum exemplo de elemento, tais quais: estrela, vela e ponte.

Notamos que estudos sobre motivação e prática esportiva se assemelham em relação a variedade de fatores que levam e mantêm a prática de uma modalidade. Dessa forma, é importante que os profissionais busquem direcionamento dos métodos para atender as expectativas e necessidades dos envolvidos.

Os profissionais atentos a esse fato poderão promover a prática e estabelecer uma cultura esportiva em longo prazo, no qual a qualidade e dedicação prestadas perpassam os diferentes níveis e contextos esportivos.

## Agradecimentos

Agradecemos a todos diretores, técnicos, professores e pais que autorizaram e apoiaram esta pesquisa.

## Conflito de Interesse

Declaramos que não há qualquer conflito de interesse dos autores em relação a pesquisa desenvolvida.

## Abstract

Sports' pedagogy and motivation: discussion upon gymnasts opinion

One aspect questioned in Sport Pedagogy concerns about actions of coaches and teachers. These should be directed to the interests and needs of each practitioner. In this study, we elucidated the reasons that attracted 120 children and young people to practice artistic gymnastics (GA) aged 4 to 18 years. After interview and content analysis, results showed: Intrinsic factors: pleasure and taste for practice; learning and overcoming; and Extrinsic factors: GA itself; physical benefits; social influences; playful aspects; and health. The media has emerged in the responses of children above 8 years; the playful aspects of all ages and genders; become professional above 10 years and GA elements was related to the specific elements of this sport. Professionals attentive and critical to these factors can direct and promote the practice in favor of the establishment of sporting culture in the long term.

KEYWORDS: Artistic gymnastics; Pedagogy of sport; Coach education; Physical education; Sports.

## Referências

1. Tani G, Bento JO, Petersen RDS. *Pedagogia do esporte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.
2. Bento JO, Tani G, Prista A. *Desporto e educação física em português*. Porto: Editora Universidade do Porto; 2010.
3. Nista-Piccolo VL, Nunomura M. Os Jogos Olímpicos na perspectiva da pedagogia do esporte no Brasil. In: Moreira WW, Bento JO, organizadores. *Citius, Altius e Fortius*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; 2014. p. 171-208.
4. Reverdito RS, Scaglia AJ, Montagner PC. *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte Editora; 2013.

5. Nascimento JV, Ramos V, Tavares, F, organizadores. Jogos desportivos: formação e investigação. Florianópolis: UDESC/ Coleção temas em movimento; 2013.
6. Gaya A, Marques A, Tani G, organizadores. Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora UFRGS; 2004.
7. Schiavon LM, Paes RR, Toledo E, Deutsch S. Panorama da ginástica artística brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. *Rev Bras Educ Fís Esporte* 2013;27:423-436.
8. Tsukamoto MHC, Nunomura M. A idade e as competições de ginástica artística feminina. *Motriz* 2003;9:127-128.
9. Arkaev L, Suchilin N. *Gymnastics: how to create champions*. UK: Meyer & Meyer Sport; 2004.
10. Torregosa M, Boixadós M, Valente L, Cruz J. Elite athlete's image of retirement: the way to relocation in sport. *Psychol Sport Exerc* 2004;5:35-43.
11. Nunomura M, Pires FR, Carrara P. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. *Rev Bras Ciênc Esporte* 2009;31:25-40.
12. Macnamara A, Collins D. The role of psychological characteristics in managing the transition to university. *Psychol Sport Exerc* 2010;11:353-362.
13. Jemmi M, Sands WA, Salmela JH, Holvet P, Gateva M, editors. *The science of gymnastics*. NY: Routledge; 2011.
14. Nunomura M, Chaves AD, Carbinatto MV. Os motivos para o início da prática de ginástica artística. *Anais do 3 Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição*; 2012; Rio Claro, Brasil.
15. Garcia FG. O burnout em jovens desportistas. In: Becher Jr B, organizador. *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE; 2000.
16. Weinberg RS, Gould D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. São Paulo: Artmed; 2001.
17. Cratty BJ. *Psicologia no esporte*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall; 1984.
18. Maggill RA. *Aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: E. Blücher; 1984.
19. Paim MCC. Voleibol, que fatores motivacionais levam a sua prática? *Rev Digit* 2003;61:1-5.
20. Sage GH. *Introduction to motor behavior: a neuropsychological approach*. Melbourne: Addison-Wesley; 1977.
21. Murray EJ. *Motivação e Emoção*. Rio de Janeiro: Zahar; 1983.
22. Tresca RP, De Rose Junior D. Estudo comparativo de motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança. *Rev Bras Ciênc Mov* 2000; 8: 9-13.
23. Samulski DM. *Psicologia do esporte*. Barueri: Manole; 2002.
24. Boruchovitch E, Bzuneck JA. *A motivação do aluno*. Rio de Janeiro: Vozes; 2001.
25. Paim MCC, Pereira EF. Fatores motivacionais em adolescentes para prática de jazz. *Rev Educ Fís/UEM* 2005;16:59-66.
26. Vaneck M, Cratty BJ. *Psychologie sportive et compétition*. Paris: Editions Universitaires; 1990.
27. Isler GL. *Atleta, seus pais o motivaram para a prática esportiva? Análise das histórias de vida*. Rio Claro (SP). Dissertação [Mestrado] - Universidade Estadual Paulista; 2002.
28. Gouvêa FC. *Motivação e atividade esportiva*. In: Machado AA, organizador. *Psicologia do esporte – temas emergentes I*. Jundiaí: Ápice; 1997. p. 165-191.
29. Martens R. *Coaches guide to sport psychology*. Champaign (USA): Human Kinetics; 1987.
30. Machado AA. *Importância da motivação para o movimento humano. Perspectivas interdisciplinares em Educação Física*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Educação Física; 1995.
31. Cruz JF. *Motivação para a competição e prática desportiva*. In: Cruz JF, editor. *Manual de psicologia do desporto*. Braga: Universidade do Minho; 1996. p. 305-333.
32. Carron A, Hausenblas H, Estabrooks P. *The Psychology of physical activity*. Boston: McGraw-Hill; 2003.
33. Ryan RM. Psychological needs and the facilitation of integrative processes. *J Person* 1995;63:397-427.
34. Vallerand R. Toward a hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. *Adv Exp Soc Psychol* 1997;29:271-360.
35. Vallerand RJ, Rousseau F. Intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise: A review using the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. In: Singer RN, Hausenblas HA, Janelle CM, editors. *Handbook of sport psychology*. New York: John Wiley; 2001. p. 389-416.
36. Pelletier LG, et al. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation, and amotivation in sports: The Sport Motivation Scale (SMS). *J Sport Exerc Psychol* 1995;17:35-53.
37. Benck RS, Casal HMV. Atribuições de causalidade para o sucesso e fracasso em diferentes modalidades esportivas. *Lect Educ Fís Deportes* 2006;10.
38. Cagigal JM. *Obras selectas*. Comitê Olímpico Espanol e Asociación Espanola de Deportes para Todos. Madrid: Cadiz; 1996.

39. Schonardie Filho L, Winterstein PJ. Elementos de capacitação humana detectados pelo praticante de ginástica geral da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Anais do I Congresso Latino Americano de Educação Motora; 1998; Foz do Iguaçu (PR). p. 219-26.
40. Weinberg R, Gould D. Foundations of sport and exercise in psychology. Champaign, Illinois (USA): Human Kinetics; 1999.
41. Morin E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2000.
42. Biddle S, Soos I, Chatzisarantis N. Predicting physical activity intentions using goal perspectives and self-determination theory approaches. *Eur Psychol* 1999;4(2):83-89.
43. Sarrazin P, Vallerand R, Guillet E, Pelletier L, Cury F. Motivation and dropout in female handballers: a 21-month prospective study. *Eur J Soc Psychol* 2002;32:395-418.
44. Cárdenas D. El proceso de formación táctica colectiva desde una perspectiva constructivista. In: López A, Jiménez YC, Aguado R, editores. Didáctica del baloncesto em las etapas de formación. Madrid: Gymnos; 2003. p. 179-209.
45. Lopes P; Nunomura M. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. *Rev Bras Educ Fís Esporte* 2007;21:177-87.
46. Carbinatto MV, Tsukamoto MHC, Lopes P, Nunomura, M. Motivação e ginástica artística no contexto extracurricular. *Conexões* 2010;8:124-145.
47. Moreira TAR, Carbinatto MVC, Chaves AD. Motivos para a prática e permanência na ginástica artística na cidade de Uberaba/MG. *Motriz* 2013;19(3):S353.
48. Moreira WW, Simões R, Porto E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *R Bras Ciênc Mov* 2005;13(4):107-114.
49. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
50. Giorgi A. A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica. Belo Horizonte: Interlivros; 1978.
51. Martins J, Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: PUC-SP; 1989.
52. Butt D. Short scales for the measurement of sport motivation. *Int J Sport Psychol* 1979;4:203-216.
53. Willis J, Campbell L. Exercise psychology. Champaign (USA): Human Kinetics; 1992.
54. Deci E, Ryan R. Intrinsic motivation and self-determination in human behavior. New York: Plenum; 1985.
55. Pergher TK, Klering RT, Balbinotti CAA. Motivação à prática regular de atividades esportivas: um estudo com praticantes de basquetebol escolar (13 a 16 anos). *Lect Educ Fís Deportes* 2011;5.
56. Korsakas PO. Esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: De Rose Jr D. Esporte e educação física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed; 2002, p. 39-49.
57. Buonamano R, Mussino A. Participation motivation in Italian Youth Sport. *Sport Psychol* 1995;9:265-281.
58. Lopes PR. Motivação e ginástica artística formativa no contexto extracurricular. São Paulo (SP). Dissertação [Mestrado] - Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte; 2009.
59. Winterstein P. Motivação, educação física e esporte. *Rev Paul Educ Fís Esporte* 1992;6:53-61.
60. Maslow AH. Theory of human motivation. 1943. [acesso em 04 de março de 2013]. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca/Maslow/motivation.htm>.
61. Knowles MS, Holton FE, Swanson AR. The adult learner: the definitive classic in adult education and human resource development. Woburn: Butterworth Heinemann; 1998.
62. Uberaba. Secretaria Municipal de Esporte e Lazer. PROETI- Programa de Educação em Tempo Integral. [acesso em 08 de mai de 2014]. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br>.
63. Uberaba. Secretaria de Estado de Defesa Social. [acesso em 08 de mai de 2014]. Disponível em: <http://www.seds.mg.gov.br>.
64. Serpa S. Excelência desportiva: uma expressão humana. In: Bento JO, Constantino JM. Em defesa do desporto: motivações e valores em conflito. Coimbra: Almedina; 2007. p. 71-392.
65. Simões AC. A psicossociologia do vínculo do esporte- adultos, crianças e adolescentes: análise das influências. In: De Rose Jr D. Esporte e educação física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed; 2002. p. 85-102.
66. Nunomura M, Carrara P, Carbinatto MV. Ginástica artística competitiva: considerações sobre o desenvolvimento dos ginastas. *Motriz* 2009;15(3):503-514.
67. Nunomura M, Carrara P, Carbinatto MV. Análise dos objetivos dos técnicos de ginástica artística. *Motriz* 2010; 16(1):95-102.
68. Carbinatto MV, Chaves AD, Moreira SN, Andrade AP. Condições de trabalho e perfil dos técnicos de basquetebol dos jogos escolares de Minas Gerais. *R Min Educ Fís* 2013;9:984-989.

69. Moreira SMN, Andrade AP, Chaves AD, Carbinatto MV. Análise da formação profissional e condições de trabalho dos técnicos de voleibol dos jogos escolares de Minas Gerais. *R Min Educ Fís* 2013;9:1009-1014.
70. Arruda LC, Zaghi FHL, Araújo CM, Chaves AD, Carbinatto MV. Condições de trabalho e perfil dos técnicos de basquetebol dos jogos escolares de Minas Gerais. *R Min Educ Fís* 2013;9:1029-1035.
71. Korsakas P. O clima motivacional na iniciação esportiva: um estudo sobre a prática pedagógica e os significados de esporte e educação. São Paulo (SP). Dissertação [Mestrado] - Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte; 2003.
72. Roberts GC, Mckelvain R. The motivation goals of elite young gymnastics. In: Salmela JH, et al., organizadores. *Psychological nurturing and guidance of gymnastic talent*. Montreal: Sport Psyche Editions; 1987. p. 186-193.
73. Nunomura, M. *Ginástica artística*. São Paulo: Odysseus Editora; 2008.
74. Lavalley D, Robinson H. In pursuit of an identity: a qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. *Psychol Sport Exerc* 2007;8:199-141.
75. Pessoa CMCC, Silva KWL da, Navarro F, Sánchez DC. Imagem corporal e comportamento alimentar em atletas adolescentes. *Rev Bras Nutr Esportiva* 2007;1(6):23-31.
76. Santos CA dos, Motta GS, Oliveira TM, Navarro F. Transtorno do comportamento alimentar em atletas: distorção da imagem corporal, incidência, consequências e tratamentos na anorexia e bulimia nervosa. *Rev Bras Nutr Esportiva* 2008;2(10):166-174.
77. Jemni M. Olá!...Ginastas,...Vocês estão bem...?! Anais do I Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição; 2007; Rio de Janeiro, Brasil.
78. Bortoleto MAC, Bellotto ML, Costa GEA. Estudos sobre a nutrição esportiva aplicada a ginástica artística: revisão de literatura. Anais do I Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição; 2007; Rio de Janeiro, Brasil.
79. Edwardson CL, Gorely T. Parental influences on different types and intensities of physical activity in youth: a systematic review. *Physical Sport Exerc* 2010;11:522-535.
80. Trost SG, Loprinzi PD. Parental influences on physical activity behavior in children and adolescents: a brief review. *J Lifestyle Med* 2011;5:171-181.
81. Cheng LA, Mendonça G, Farias Junior, JC. Physical activity in adolescents: analysis of social influence of parents and friends. *J Pediatr* 2014;90(1):35-41.
82. Hellstedt JC. The coach/parent/athlete relationship. *Sport Psychol* 1987;1:151-160.
83. Hellstedt JC. Early adolescent perceptions of parental pressure in the sport environment. *J Sport Behav* 1990;13(3):135-144.
84. Cogan KD, Vidmar P. *Sports psychology library: gymnastics*. Morgantown: Fitness Information Technology; 2000.
85. Baxter-Jones AD, Maffulli N. Parental influence on sport participation in elite young athletes. *J Sports Med Phys Fit* 2003;43(2):250-255.
86. Kaneta CN, Cillo ENP, Figueiredo SH. Psicossociologia do esporte na infância e adolescência. In: Silva LRR, editor. *Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes*. São Paulo: Phorte; 2010. p. 272-299.
87. Dishman RK, Saunders RP, Motl RW, Dowda M, Pate RR. Self-efficacy moderates the relation between declines in physical activity and perceived social support in high school girls. *J Pediatr Psychol* 2009;34:4411-4451.
88. Nunomura, M; Carbinatto, M.V.; Duarte, H. Vencendo o Medo na Ginástica Artística. *Rev Arq Mov* 2009;5(2):130-155.
89. Peterson MS, Lawman HG, Wilson DK, Fairchild A, Van Horn ML. The association of self-efficacy and parent social support on physical activity in male and female adolescents. *Health Psychol* 2013;32:666-674.
90. Figueiredo SFE, Moura, L. Preparação psicológica: o desafio das categorias de base da seleção brasileira de voleibol feminino. In: Rubio K, organizador. *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003. p. 227-242.
91. Zanetti MC, Lavoura TN, Machado AA. Motivação no esporte infante juvenil. *Conexões* 2008;6:438-447.
92. Bourdieu P. Sport and social class. *Soc Sci Inf (Paris)* 1978;17(6):819-940.
93. Paula HE. Cabeça de ferro, peito de aço, perna de pau: a construção do corpo esportista brincante. *Motriz* 1996;2(2):98-106.
94. Ferraz OL. A ludicidade e o ensino do desporto. In: Tani G, Bento JO, Petersen RDS. *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. p. 262-266.
95. Kishimoto TM. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira; 1998.
96. Santin S. *Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre: EST/ESEF; 1994.
97. World Health Organization. [acesso em 05 de mai de 2014]. Disponível em: <http://www.who.int>.
98. Brasil. Ministério da Saúde. [acesso em 05 de mai de 2014]. Disponível em <http://www.saude.gov.br>.

99. Paiva MFNDB. Avaliação antropométrica: estudo comparativo do crescimento de crianças praticantes e não praticantes de ginástica olímpica. Florianópolis (SC). Dissertação [Mestrado] - Universidade Federal de Santa Catarina; 2001.
100. Ferreira Filho R, Nunomura, M, Tsukamoto, MHC. Ginástica artística e estatura: mitos e verdades na sociedade brasileira. Rev Mack Educ Fís Esporte 2006;6(2):21-31.
101. Interdonato GC, Miarka B, Oliveira AR, Gorgatti MG. Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva. Motriz 2008; 14(1): 63-66.
102. Stone EJ, Mckenzie TL, Welk GJ, Booth ML. Effects of physical activity in youth: review and synthesis. Am J Prev Med 1998;15(4):298-315.
103. Rubio K, Kuroda S, Marques JAA, Montoro FCF, Queiroz C. Iniciação esportiva e especialização precoce: as instâncias psico-sociais presentes na formação esportiva de crianças e jovens. Rev Metrop Ciênc Mov Hum 2000;04(1):52-61.
104. Betti, M. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. Campinas (SP): Papirus; 1998.
105. Marcellino NC. Estudos do lazer: uma introdução. Campinas (SP): Autores Associados; 2006.
106. GYMnastics Canada. Long term athlete development: Gymnastics: the ultimate human movement experience.[acesso em 06 de mai de 2014]. Disponível em: <http://www.gymcan.org>
107. Gallahue, DL. Conceitos para Maximizar o Desenvolvimento da Habilidade de Movimento Especializado. Rev Educ Fís/UEM 2005; 6 (2): 197-202.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA  
Michele Viviane Carbinatto  
Universidade de São Paulo  
Escola de Educação Física e Esporte  
Avenida Prof. Mello Moraes, n. 65 - Cidade Universitária  
05508-030 -São Paulo/SP  
mcarbinatto@yahoo.com.br  
email alternativo: mcarbinatto@hotmail.com

Submetido: 20/06/2014

Revisado: 22/12/2015

Aceito: 29/04/2016